

CRÍTICA / TEATRO / O SOM QUE VEM DE DENTRO

# A palavra ensurdecedora

Por **Cláudia Chaves**  
Especial para o Correio da Manhã

**H**á uma incapacidade de sermos confessionais, de contarmos nossas angústias. Até as alegrias são difíceis de relatar. O som que vem de dentro é o som mudo, rouco de tanto engolir, aquele aperto no peito, o nó na garganta. O que trava. “O Som que Vem de Dentro”, do dramaturgo norte-americano Adam Rapp, é uma obra rara e ousada. Trata-se de falar de literatura, de prosa, mas que tem como principal tema uma obra de literatura dramática.

No palco está um casal de atores, totalmente diferentes no gosto, na idade, no ambiente cultural, mas que se encontram na paixão pelos livros e no desejo obsessivo de serem escritores. Não quaisquer escritores. Escritores reconhecidos pela capacidade de contar uma história com um texto inigualável. Bella Baird é uma professora de literatura da Universidade de Yale (Glaucia Rodrigues) e Christopher Dunn é o aluno introspectivo e talentoso (André Celant).

Sob a direção de João Fonseca, com tradução de Clara Carvalho e estrelada por Glaucia Rodrigues e André Celant, o cenário — troncos secos, meio fantasmagóricos, em mais



*Diferentes em tudo, os personagens de André Celant e Glaucia Rodrigues dividem o amor pela literatura*

uma ótima criação de Nello — é o ambiente no qual os dois falam, em pequenas pílulas, de seus gostos, de suas escritas, de suas vidas.

A dramaturgia é de uma sofisticação narrativa, pois abre com a quebra inicial da quarta parede, quando Bella conta a descoberta de sua doença. Mais tarde, ver-se-á que a construção em forma de flashback nos leva a sorver o que se diz, na expectativa do que estará por vir.

A direção de João Fonseca acerta ao imprimir um ritmo discreto, como é pedido pelo autor. E, num crescendo, segue o fluxo da história, despertando a reflexão do espectador. Nada é suficientemente esclarecido. Como na boa literatura, deixa-se ao leitor o papel de construir. O autor reafirma esse importante papel da literatura em todos os momentos — e na perplexidade intrigante que consegue com o final.

## SERVIÇO

O SOM QUE VEM DE DENTRO

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana)

Até 2/6, de sábado a segunda (20h)

Ingressos entre R\$ 20 e R\$ 80

## NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Um moleque genial

O musical “Moleque – O Morro Canta Gonzaguinha” conta a história de Luizinho, moleque do Morro de São Carlos. Ele sonha ser artista para valorizar suas raízes. Criado por pais adotivos e pela avó, enfrenta os desafios da favela e da vida. Entre a dor e a esperança, surge a decisão de reconstruir ou desistir. O espetáculo celebra a música de Gonzaguinha com um elenco de 25 pessoas e texto de Nanan Gonzaga, Rafaela Amado e Paula Sandroni. Em cena no Teatro Nathalia Timberg, na Barra da Tijuca.

Daniel Edinberg/Divulgação



André Garzuze/Divulgação



### Contra a misoginia

A partir dos altos índices de crimes resultantes do machismo, da misoginia e do racismo no Brasil, o diretor Marcelo Aquino, juntamente com 11 intérpretes-criadores, elaborou a proposição cênica Violada – Concerto para um Corpo no Campo de Batalha, uma experiência híbrida que une bricolagem de dança, teatro, música ao vivo e imagens visuais. Após ter sido apresentada na Faculdade Angel Vianna, a obra conclusiva de mestrado do diretor e ator Marcelo Aquino, Violada, estreia no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro de sexta a domingo (23 a 25).

Michael Dantas/Divulgação



### Danças da floresta

A temporada Amazônia em Movimento, do Corpo de Dança do Amazonas (CDA), sob direção artística de Mário Nascimento, está em cartaz no CCBB até 8 de junho. A programação apresenta seis espetáculos que celebram os 26 anos de história da companhia — uma referência na dança contemporânea brasileira — homenageando os povos originários e revelando a força e a energia da região Norte do país. Um dos destaques é “TA - Sobre Ser Grande”, premiado como Melhor Espetáculo de Dança de 2024 pelo Prêmio Arcajo de Cultura São Paulo.